

Imigração “russa” no sul do Brasil: esboço de interpretação

“Russian” immigration
in southern Brazil:
an interpretation outline

Regina Weber¹
Isabel Rosa Gritti²



Resumo: Este artigo esboça uma proposta de interpretação da imigração genericamente definida como “russa” para o Rio Grande do Sul, estado do extremo sul do Brasil, transcorrida entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A proposta se configura a partir da explicitação de alguns aspectos deste grupo migratório, entre os quais se destacam: a justaposição entre categorias de etnicidade e de nacionalidade, principalmente considerando a presença de judeus, poloneses e ucranianos egressos de território russo; a ocorrência de emigrações em diferentes momentos históricos do país de origem; o modo como foram vistos pelas autoridades locais e nacionais. Em diálogo com a literatura sobre o assunto, a pesquisa reúne dados de publicações, alguns depoimentos e vestígios dispersos, atentando para a manifestação de uma identidade étnica em condições complexas, ao mesmo tempo em que expõe a polissemia da identidade “russa”.
Palavras-chave: imigração russa; russos; soviéticos; ucranianos; polacos.

Abstract: This article outlines a proposal for the interpretation of immigration generically defined as “Russian” to Rio Grande do Sul, a state in the extreme south of Brazil, which took place between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century. The proposal is initially based on some aspects of this migratory group, among which the following stand out: the juxtaposition between ethnicity and nationality categories, especially considering the presence of Jews, Poles and Ukrainians coming from Russian territory; the occurrence of emigration in different historical moments of the country of origin; the way they were viewed by Brazilian authorities. Literature research on this subject gathers data from publications, some testimonies and scattered traces, paying attention to the manifestation of an ethnic identity in complex conditions, at the same



time that it exposes the polysemy of the “Russian” identity.
Keywords: Russian immigration, Russians, Soviets, Ukrainians, Poles.

Regina Weber / Isabel Rosa Gritti
Imigração “russa” no sul do Brasil:
esboço de interpretação



Identities in movement: russos e outros imigrantes

Considerando que, nos censos e nos documentos que tratam da inserção de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul, o termo “russo” é bastante frequente, causa indagação a pouca visibilidade desses imigrantes em termos de criação de entidades, festividades e publicações, assim como sua manutenção ou recriação ao longo dos anos pelos descendentes. No quadro regional, denso de manifestações étnicas de origem europeia, esta relativa ausência torna-se expressiva. Paralelamente, a produção acadêmica, memorialística ou de divulgação sobre a presença dos imigrantes russos no Brasil, e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul, é bastante reduzida, se comparada aos estudos sobre outros grupos migratórios.

Quando os primeiros imigrantes russos dirigiram-se ao Brasil, a Rússia era um estado composto por várias nacionalidades e culturas, o que gerou registros pouco precisos para determinar tanto a nacionalidade, como a vinculação étnica dos que ingressavam no país. Mesmo os documentos oficiais dos núcleos coloniais de imigrantes nem sempre distinguiam, por exemplo, quem era polonês e quem era russo. As vicissitudes da contabilidade étnica são um problema conhecido para quem estuda imigração, já relatado por autores como Gertz (2010) e Stawinski (1976). Enfrentando estes e outros obstáculos, a presente pesquisa logrou reunir dados sobre imigrantes oriundos da Rússia que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, entre os anos finais do século XIX e meados do século XX, período que abarca o fim do Império Romanov e as primeiras décadas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em relação à multiplicidade de nacionalidades e culturas que compuseram a Rússia, Anastassia Bytsenko (2006, p. 25) situa a população russa no ano de 1914 em termos de grupos étnicos: russos (44,6%), ucranianos (18,1%), alemães (6,5%), poloneses (4,2%), bielorrussos (4,0%), judeus (2,7%), finlandeses (1,4%). A autora se refere às origens históricas desta formação compósita da Rússia:

Durante quatro séculos, vários territórios foram integrados à Rússia. [...] A Polônia, os Países Bálticos, o norte do Cáucaso, e parte da Ásia Central, foram anexados à Rússia em consequência de guerras. A Ucrânia Ocidental, a Geórgia, a Bessarábia uniram-se à Rússia por acordos. Desse modo, na segunda metade do século XIX, o Império Russo, povoado por cerca de 180 povos diferentes, atingiu o ápice de sua expansão territorial, chegando



a 22,4 milhões de quilômetros quadrados (BYTSENKO, 2006, p. 26).

Segundo Anderson (2008, p. 131), a russificação czarista foi um dos casos de nacionalismos adotados por algumas dinastias no século XIX, os quais podem ser chamados de “nacionalismos oficiais”, desenvolvidos para manter um poder dinástico sobre “imensos domínios políglotas amealhados desde a Idade Média, ou, dizendo de outra forma, de esticar a pele curta e apertada da nação sobre o corpo gigantesco do império”. A russificação como política oficial só ocorre no final do século XIX, “muito depois do surgimento do nacionalismo ucraniano, finlandês, letão e outros dentro do império” (ANDERSON, 2008, p. 132). Mas não se pode supor que, por ser uma política dinástica, a russificação não tenha atingido suas finalidades, de expandir um nacionalismo “grão-russo”; a própria burocracia abria oportunidades aos que se vinculassem ao Império (ANDERSON, 2008, p. 133). Na visão de Marc Ferro (1996, p. 183-190), a política imperial russa obedecia a uma lógica supranacional, sem uma base étnica, afirmando ser um Estado de povos diferentes sob um monarca único; e o Estado soviético, por sua vez, não se amparava em um chauvinismo grão-russo, empenhando-se na uniformização das culturas políticas através da soviétização. Em resumo, conjugando os autores, a centralização do poder tanto no Império como na URSS não eliminou os nacionalismos subjacentes.

Segundo Bytsenko (2006, p. 30), os primeiros imigrantes russos chegaram ao Brasil na década de 1870 e se tratava de camponeses extremamente pobres, que buscavam além-mar condições dignas de sobrevivência. Segundo a autora, os “propriamente russos” eram minoritários neste grupo imigratório, comparativamente às demais nacionalidades que compunham o Império, como poloneses, ucranianos, povos bálticos, alemães, judeus, e pessoas de outros grupos étnicos do Império.

No Estado de São Paulo, existem registros paroquiais da Igreja Ortodoxa em que os sacerdotes distinguiam os imigrantes que provinham do território principal da Rússia daqueles vindos de outras regiões. Tais registros apontavam as hierarquias étnicas e sociais existentes na Rússia, diferenciação que Ruseishvili (2016, p. 42-43, 196) busca apreender por meio das categorias “russos da Rússia” e “russos dos territórios periféricos” ou “imigrantes de antigas periferias do Império Russo”. Como veremos, em termos migratórios, nem sempre é possível identificar os “propriamente russos” ou “russos da Rússia”.



Vorobieff (2006) destaca três momentos da imigração russa para o Brasil, os quais envolvem diferentes camadas da população. Mesmo considerando a presença de imigrantes russos antes do século XX, o contexto revolucionário de 1905³ é considerado como o motivador da primeira das levas, que conduziram imigrantes para o interior do estado de São Paulo (VOROBIEFF, p. 23). O segundo momento é decorrente da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa de 1917 e vai levar ao êxodo membros do exército branco leais ao Tzar Nicolau II, opositores do novo regime, grandes proprietários de terra, empresários de diversos setores econômicos, integrantes da elite intelectual e do clero (VOROBIEFF, p. 25). Milhares fugiram da devastadora guerra civil, dirigindo-se primeiro para a Europa e depois para a América (RUSEISHVILI, p. 56).

A terceira onda imigratória russa para o Brasil ocorre depois da II Grande Guerra, desde 1945 até meados de 1950 (BYTSENKO, 2006, p. 11; VOROBIEFF, 2006, p. 26). Nesse período, chegam ao Brasil os russos que se encontravam na China, quer seja na construção da estrada de ferro Transiberiana,⁴ ou aqueles que fugiram da Rússia em consequência da Revolução de 1917, e agora fogem da revolução chinesa do final da década de 1940. Após esse período, a entrada de imigrantes russos no Brasil é extremamente reduzida.

De modo geral, no contexto do final do século XIX e início do século XX, a passagem gratuita era um motivador para a imigração de camponeses pobres, fator que se somou à malícia (ou má-fé) dos agentes de recrutamento de imigrantes. Tal combinação favoreceu o processo de imigração em massa na virada do século. A chamada “febre brasileira” nas aldeias da parte russa da Polônia⁵ conduziu, num mesmo ano, 1890, cerca de trinta mil camponeses para o Brasil, entre os quais havia também lituanos e bielorrussos (BYTSENKO, 2006, p. 34).

As próprias autoridades brasileiras lançaram mão de expedientes dúbios para lidar com a sobreposição de nacionalidades entre imigrantes. A Revista de Imigração e Colonização do Conselho Nacional de Imigração, que iniciou a ser publicada em 1940, ao apresentar o movimento Imigratório no Brasil de 1820 a 1920, registrou, junto aos números dos imigrantes russos, a expressão “incluído polaco”. O termo “polaco” é a versão popular e coloquial de “polonês” no sul do Brasil. No exemplar de outubro de 1940 da Revista, russos e poloneses são registrados separadamente numa lista de quase setenta nacionalidades (ver Tabela 1).



Tabela 1 - Imigrantes poloneses e russos no Brasil, 1884-1939

Período	Poloneses	Russos
1884 - 1893	370	40.589
1894 - 1903	1.050	2.886
1904 - 1913	-----	48.100
1914 - 1923	3.073	8.096
1924 - 1933	33.957	7.953
1934 - 1939	9.315	497
Total	47.765	108.121

Fonte: Revista de Imigração e Colonização (1940).

De acordo com estes dados, ingressou no Brasil, num período de 55 anos, mais de uma centena de milhares de russos, praticamente o dobro dos poloneses, diferença que parece questionável, considerando a existência de uma “febre brasileira”. Podemos observar que o decréscimo na imigração russa é paralelo ao aumento da polonesa a partir do período 1914-1923, justamente quando a Polônia conquista sua independência, em 1918.

Por outro lado, independente da nacionalidade, vivenciada ou atribuída, daqueles que emigram, o que é construído no ponto de chegada é a etnia (SARNA, 1978). Os autores franceses Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 54, 141) definem nacionalismo e etnicidade com base em Hobsbawm e Fredrik Barth, respectivamente: o nacionalismo é um programa político e a etnicidade, seja ela o que for, não é um conceito político e não tem conteúdo programático; a etnicidade é “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores”. Esta definição ampara nossa compreensão dos fenômenos identitários que ocorrem ao longo do processo migratório, pois a “origem” sempre pode lançar mão de passados mais ou menos longínquos.

A análise da historiografia russa contemporânea reconhece as dificuldades para descrever o fenômeno cultural e histórico da diáspora, o que está relacionado às circunstâncias políticas do país. O conceito “diáspora russa” aparece em 1995 no documento “Declaração de apoio à diáspora russa e patrocínio dos emigrados russos”, que embasou a lei da Federação da Rússia e contribuiu



para o aumentados estudos sobre emigração russa. Por razões ideológicas, as migrações do período pós-revolucionário só despertaram interesse após 1990 (SOROKINA; SAGDEJEVA, 2014, p. 72).⁶ Sorokina e Sagdejeva (2014, p. 76) aponta falta de precisão terminológica para descrever a história das diásporas no discurso historiográfico contemporâneo da Rússia e cita a divisão, que afeta a contagem, entre russos étnicos (*russskij*) e exilados originários do Império Russo/URSS/Rússia multinacional (*rossijskij*). Esta é uma outra forma de distinguir os emigrados: os “russos étnicos” e os demais.

Em síntese, até as primeiras décadas do século XX, o conturbado quadro nacional europeu tinha reflexos aqui na América, e os funcionários brasileiros, com seu olhar exterior, contribuíram para manter os números em defasagem com as identidades. De qualquer modo, é certo que ingressaram russos no Brasil e no Rio Grande do Sul. Ao seguir as pistas daqueles que seriam “russos da Rússia” num quadro de muitos russos, este artigo, distanciando-se de concepções essencialistas, observa as reconfigurações étnicas no contexto do sul do Brasil. As categorias que identificam imigrantes no seu lugar de partida podem sofrer influências das relações estabelecidas no ponto de chegada:

Embora os europeus orientais mantivessem alguma consciência de suas divisões em poloneses, eslovacos, tchecos, russos, ucranianos, armênios, lituanos, letões, húngaros, croatas, sérvios, eslovenos e judeus [...], eles não carregavam simplesmente essas identidades coletivas para o outro lado do Atlântico como peças de bagagens. [...] As redes criam novas categorias. Na experiência da imigração americana, conjuntos de imigrantes conectados que não tinham uma identidade comum no ponto de origem muitas vezes adquiriram uma nova identificação durante a interação com outros no destino (TILLY, 1990, p. 85, tradução nossa).

É preciso pontuar que os imigrantes russos puderam ser inseridos no quadro de uma imigração “branca” (RUSEISHVILI, 2016, p. 25) promovida pelas autoridades brasileiras, longamente incomodada pela maioria de negros, indígenas e mestiços que compunham a população brasileira. Segundo Seyferth (2002, p. 118), foi a partir de meados do século XIX que foi construído “o pressuposto da superioridade branca, como argumento justificativo para um modelo de colonização com pequena propriedade familiar baseado na vinda de imigrantes europeus”. Este contexto facilitou a inserção dos imigrantes europeus no Brasil,



permitindo-lhes, com exceções episódicas, suas manifestações étnicas.

Quem são e onde estão os russos no Rio Grande do Sul?

Como efeito do múltiplo quadro de nacionalidades abarcado pelo Império Russo e pela URSS, encontramos, na literatura e em documentos sobre a imigração e a colonização europeia no sul do Brasil, referências a grupos por meio de classificações híbridas, como “polacos russos”, “teuto-russos”, “russos polacos”. O teuto-russo é sabidamente um imigrante alemão que veio da Rússia, a quem podemos denominar “alemão étnico”. Da mesma forma, um polaco russo é um polonês oriundo do Reino da Polônia, território polonês sob domínio da Rússia até o fim da Primeira Guerra (1914-1918). O “Quadro Estatístico de movimento de imigrantes e despesas”, enviado pelo Diretor da Comissão de Terras e Colonização da Colônia Jaguary, no ano de 1892, à Diretoria de Terras e Colonização (órgão estadual), se refere tanto a “russos” quanto a “russos/polacos”, estes últimos mais numerosos.⁷ A partir de outra colônia, a de Alfredo Chaves, também em 1892, o engenheiro chefe da Comissão de Terras e Colonização envia à mesma Diretoria de Terras e Colonização uma correspondência que menciona “polacos-russos”:

Passo as vossas mãos três relações de pessoas residentes na Europa que desejam reunirem-se a seus parentes nesta colônia. Acompanham 12 cartas, sendo 4 de imigrantes polacos-russos dirigidas a seus parentes na Rússia e 5 de imigrantes alemães dirigidas a seus parentes na Alemanha, e três de imigrantes italianos dirigidas a seus parentes na Itália.⁸

Os teuto-russos são personagens conhecidos para quem pesquisa a imigração para sul do Brasil. Wolf-Dietrich Sahr e Cicilian Luiza L. Sahr (2000) acompanham a trajetória dos menonitas da Prússia para a região da Ucrânia (século XVIII) e sua saída da Rússia desde o final do século XIX e acentuada a partir da Revolução de 1917. No Brasil eles se instalaram em Santa Catarina e, no Paraná, nas proximidades de Curitiba. Grupos menonitas também são registrados por René Gertz (2010, p. 60-61) entre as populações teuto-russas de duas regiões da Rússia, o Volga e a Volínia (região da atual Ucrânia), as quais migraram da Alemanha para o Império Russo, durante o reinado de Catarina II (1762-1796), atraídas pelas promessas de isenção de impostos por dez anos, não convocação para o serviço militar, liberdade religiosa e facilidade de aquisição de terras. A



partir do final do século XIX, diante de uma situação menos favorável, estes teuto-russos partiram para o Brasil, instalando-se no Paraná e, no Rio Grande do Sul, na Colônia Guarani, criada em 1891. Também são “alemães” os russo-alemães investigados por Simonetti (2008), que chegaram à região denominada 4ª Colônia (atual Santa Maria) em 1877.

Outro exemplo de teuto-russos são os “romenos” localizados nas fábricas de Ijuí nas décadas de 1930 e 1940, emigrados da Bessarábia⁹ em meados dos anos 1920: “Nós morávamos em Bessarábia, [...] lá tinha centenas de aldeia, tudo edificado destes alemães que vieram da Alemanha; eu não sei bem se foi quarta ou quinta geração já lá, em Bessarábia”. A nacionalidade, por sua vez, fica ao sabor das guerras europeias: “Na época que meu pai nasceu lá era... Romênia! Depois foi dominado pela Rússia [...] Então ali... eu nasci na Romênia! O meu pai nasceu na Rússia, mas no mesmo lugar” (WEBER, 1998, p. 31).

Quanto à presença dos ucranianos no Rio Grande do Sul, o primeiro cônsul polonês da Segunda República, Kazimierz Gluchowski, afirmou, para a década de 1920, que ali não existia colônia ucraniana, “com exceção de indivíduos ou de famílias isoladas que não se apresentam como ucranianos e que em todo o caso não são considerados como tais” (GLUCHOWSKI, 2005, p. 102). Gluchowski, como um homem de um estado independente recém-emancipado, não pretende dar voz ao nacionalismo ucraniano parcialmente incorporado à Polônia. Décadas depois, o tradutor do livro de Gluchowski colocou a situação da história ucraniana entre a Polônia e a Rússia, justificando a presença de “ucranianos” num livro sobre “poloneses” ao mesmo tempo em que reconhece sua especificidade:

O destaque conferido à colonização ucraniana justifica-se pelo fato de que naquela época a parte da Ucrânia de onde provinham os imigrantes (a chamada Galícia, situada a oeste do rio Dnieper) fazia parte da Polônia ocupada e posteriormente – por força do Tratado de Riga (1921) – passou a fazer parte da Polônia independente. Somente a partir do término da II Guerra Mundial essa área voltou a fazer parte da Ucrânia, que no entanto transformou-se numa República da URSS [...] No texto original, o autor chama os ucranianos emigrados daquela região de “Rusini” (atualmente se diria “Ukraincy”) (KAWKA, 2005, p. 19).

Recolhendo narrativas de imigrantes em Porto Alegre, Fortes (2004, p. 127) explica que os ucranianos, judeus ucranianos e outros imigrantes do Leste



européu, falando línguas pouco diferenciáveis para os que já estavam no país, passaram a ser definidos externamente de um modo homogeneizante como “polacos”. Mesmo não constando nos censos populacionais do início do século XX, ucranianos e bielorrussos materializaram a União e Luz Operária Russo-Branca/Ucraniana de Porto Alegre, em 1932, fechada pela polícia local em 1935 sob a acusação de ser uma “missão soviética”, ainda que esta interferência externa nunca tenha sido comprovada. Membros da entidade inclusive prestigiavam um líder nacionalista ucraniano do século XIX (FORTES, p. 147-148, 152). Ucranianos e bielorrussos também representam 43% e 40% dos sócios da Sociedade Eslava, fundada em Porto Alegre em 1943 (fechada em 1946), na qual os autoidentificados “russos” surpreendem pela baixa proporção (3%); a entidade tinha caráter comunista, fortalecido pelo apoio da União Soviética ao movimento paneslavista (FORTES, p. 141, 163-164). Em 1951 é criada uma Sociedade Ucraniana em Porto Alegre com vieses, segundo Fortes (p. 171), nacionalistas e folclóricos.

Rebatendo a ideia contemporânea da Ucrânia como uma província russa, Szporluk (1997, p. 87-88) repassou antigas dominações de poloneses, otomanos e austro-húngaros sobre o território dos ucranianos e apontou o final do século XIX como o momento em que as populações atualmente conhecidas como “ucranianas” começaram a denominar a si próprias “ucranianas” e sua pátria como “Ucrânia”. O autor refuta, inclusive, que o domínio do czar sobre a Pequena Rússia - como o nordeste da Ucrânia (Rus’ de Kiev) passou a ser chamado a partir do século XVIII - signifique que este território tenha sido incorporado à nação russa, pois a Pequena Rússia permanecia uma pré-moderna e histórica nação ucraniano-cossaca, com seu próprio governo e instituições (SZPORLUK, p. 93). A formação da moderna Ucrânia se desenvolveu como um processo de autodefinição, em contraposição tanto à Rússia como à Polônia (SZPORLUK, p. 107), identidades que aqui no Brasil podiam justapor-se.

A dinastia Rus’ de Kiev é a origem da adscrição religiosa “rutenos”, que se manifesta entre os ucranianos do Paraná. Os rutenos são descendentes dos estratos dominados que mantiveram sua língua de origem e a filiação ao cristianismo bizantino. A partir do final do século XVIII, a região sofre uma divisão entre o Império Russo e o Império Austro-Húngaro, mantida até a Primeira Guerra Mundial (GUÉRIOS, 2008, p. 375-376). A parte incorporada à Austro-Hungria foi a Galícia, justamente a região da qual emigraram poloneses e ucranianos ao Brasil. O padre polonês Antoni Cuber, que morou alguns anos na Colônia Ijuí, registrou a presença de 20 famílias rutenas no povoado, termo



que dificilmente seria utilizado como descritor por alguém que não viesse destas regiões do leste europeu (WEBER, 2002, p. 174).

Para enfrentar as questões numéricas da imigração russa, este artigo alinha as informações disponíveis e os limites das interpretações. Os dados estatísticos e censitários, abaixo examinados, tanto dão indícios da presença russa, quanto encobrem especificidades não apenas étnicas, mas nacionais (regiões ocupadas ou agregadas). Outra limitação dos censos diz respeito à falta de informação sobre a condição étnica dos filhos de imigrantes nascidos no Brasil.

No Relatório da Secretaria de Obras Públicas de 31 de agosto de 1915 ao Presidente do Estado, o “Demonstrativo dos imigrantes entrados no Estado” cobre em torno de três décadas (1882-1914).¹⁰ Os russos (26,4 mil) estão na segunda colocação em termos numéricos, perfazendo 17%, porção inferior apenas à dos imigrantes italianos (43%). Os “polacos” aparecem diferenciados na quarta posição (15,6 mil, ou 10%). Não há referência a ucranianos. Dois anos depois, o Relatório da Secretaria de Obras Públicas ao Presidente do Estado, de setembro de 1917, novamente agrupou as populações “russa” e “polaca”.¹¹

Nos censos oficiais do século XX, os “russos” no Rio Grande do Sul aparecem de modo distinto dos poloneses e alemães, mas certamente englobando outras nacionalidades. A diminuição dos “estrangeiros” de um país pode ser atribuída tanto à reemigração quanto ao falecimento da geração mais velha, ou, obviamente, ao menor ingresso de pessoas de outros países. Também podemos observar que o termo URSS aparece tardiamente.

Tabela 2 - Censos Demográficos – Rio Grande do Sul. Nº de estrangeiros (+ naturalizados) por país de procedência, em ordem numérica decrescente até 6ª posição

	1920		1940		1950		1960	
1	Itália	49.136	Itália	24.603	Itália	15.003	Uruguai	8.785
2	Uruguai	31.570	Uruguai	22.759	Uruguai	14.612	Alemanha	7.661
3	Alemanha	19.652	Alemanha	18.120	Alemanha	11.967	Itália	7.522
4	Polônia	10.451	Polônia	11.172	Polônia	9.345	Polônia	4.995
5	Rússia	9.373	Rússia	8.055	URSS	6.930	Portugal	4.773
6	Portugal	9.324	Portugal	7.167	Portugal	5.667	URSS	3.757

Fonte: IBGE (2022).

A exposição até aqui tem apontado que não é fácil delimitar a imigração efetivamente “russa” para o Brasil, em termos de indivíduos que fossem emigrados do Império Russo ou da URSS e que não reivindicassem outra



nacionalidade, tais como a polonesa, ucraniana, bielorrussa, judaica, as quais, em algum momento do século XX, tornaram-se nações politicamente independentes. Contudo, continuamos a reunir dados sobre pessoas e grupos sociais denominados “russos” no Rio Grande do Sul.

O livro “A Imigração Russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança”, de Jacinto Zabolotsky, foi lançado em 1999 como uma homenagem aos 90 anos da imigração russa em Campina das Missões,¹² o município gaúcho com o maior número de imigrantes e descendentes de russos que se conhece. Segundo o autor, ele próprio um descendente de imigrantes, grupos oriundos da Rússia, Sibéria, Bielorrússia e Ucrânia foram os primeiros ocupantes da região a partir de 1909 e hoje os descendentes correspondem a 20% da população local (ZABOLOTSKY, 2007, p. 21, 23). Ainda que a adaptação tenha sido difícil - “Clima, língua, pouca comida, nenhuma casa, costumes, tudo era diferente”-, a produção de vodka, por outro lado, demonstra que estes imigrantes conseguiram reativar seus hábitos na América (ZABOLOTSKY, p. 29, 32, 45). Uma fotografia de imigrantes lado a lado com indígenas, em 1912, sugere que a convivência tenha sido pacífica, mas faltam informações sobre estes antigos povoadores do território. Nesse mesmo ano, 1912, é fundada a Igreja Ortodoxa local (ZABOLOTSKY, p. 21, 36).

Em uma das imagens, observa-se um imigrante, ainda na Rússia, em uniforme de guarda do Tzar (ZABOLOTSKY, 2007, p. 25). A presença de uma elite letrada entre os imigrantes tinha suas vantagens, pois os recém-chegados podiam contar com um responsável pelos assentamentos que falava sua língua: José Demétrio Budzinski, que também falava português e alemão, era chefe de escritório da Comissão de Terras e Colonização da Colônia Guarany – Campina (ZABOLOTSKY, 2007, p. 30). Ainda que nem sempre, a imigração de elites russas ocorreu com frequência no contexto da Revolução Russa. Certo médico que cursava a Academia Militar de Medicina em São Petersburgo decide emigrar quando estoura a Revolução e, após passagens por países europeus, vem ao Brasil em 1927, estabelecendo-se, inicialmente, em um distrito de Caxias do Sul (ZABOLOTSKY, 2007, p. 57-58).

Zabolotsky (2007) também aponta a presença de imigrantes russos nos municípios de Santa Rosa, Doutor Maurício Cardoso, Novo Machado, na capital Porto Alegre e outros lugares do Estado. Entre 1945 e 1948, um significativo número de ucranianos dirigiu-se a Canoas, cidade da região metropolitana, onde construíram a Igreja Ortodoxa Autocéfala Santíssima Trindade em 1951, conhecida como igreja “ucraniana” (ZABOLOTSKY, 2007, p. 63). O



autor, contudo, não cita Erechim, onde, no início do século XX, chegam e são instalados imigrantes e descendentes russos, como veremos abaixo.

Silva (1996) emprega uma categoria étnica abrangente (eslavo) e uma religiosa (ortodoxa) para analisar a inserção de imigrantes russos (eventualmente “russos brancos”)¹³ e ucranianos em Porto Alegre, em 1948. Além destas características, estes imigrantes compartilham a história de serem refugiados em função do avanço nazista na Segunda Grande Guerra e se contrapõem ao poder russo, seja pelo nacionalismo ucraniano, seja pelo antissocialismo. Paradoxalmente, temiam estigmatizações por serem originários de um país comunista (SILVA, p. 48, 68). Estes imigrantes fixaram-se na região norte da capital, Porto Alegre, zona conhecida como 4º Distrito, e ali, em 1950, fundaram a Igreja Ortodoxa Russa, de rito bizantino, congregando russos e ucranianos. Contudo, a sociedade que ali se instala logo depois é denominada Sociedade Ucraniana (SILVA, p. 77-79), a mesma descrita por Alexandre Fortes (2004) como nacionalista e folclórica.

Os russos estão presentes, portanto, mas é relativamente escassa a materialização de entidades e festividades que afirmem a sua existência nominalmente; a denominação “ucraniana” é mais frequente. O medo do preconceito, referido acima, pode ter sido um fator desta falta de institucionalização. Zabolotsky (2007, p. 61, 95) relata perseguição por parte de policiais brasileiros durante a II Guerra Mundial, que associavam os russos aos alemães por falarem uma língua não conhecida, e lembra que “até bem pouco tempo atrás, a palavra ‘russo’ era sinônimo de comunista”.

A identificação de “russo” e “agentes soviéticos” fora, efetivamente, feita pela Chefatura de Polícia de Porto Alegre em 1930, interessada em expulsar estrangeiros acusados de atividades comunistas. O local de nascimento de nenhum dos acusados consta ser a Rússia (em geral, Ucrânia), e a identidade principal era a de “judeus” (FORTES, 2004, p. 136-138). No vizinho Uruguai, mais precisamente na localidade de San Javier, imigrantes pertencentes a uma comunidade religiosa russa a partir de 1913 foram alvo das classificações - inimigo, estrangeiro, comunista - do aparato repressivo uruguaio, que perduraram até os anos 1980 (GUIGOU, 2008, p. 42-44). Neste caso uruguaio, o estudo sempre os identifica como “russos” e assim também eram referidos nas fontes coletadas.

Por outro lado, a existência de descendentes que se assumam “russos”, dando origem a manifestações étnicas, como ocorre em Campina das Missões, colaboraria para o trabalho do historiador. Certamente nos falta uma pesquisa



como a conduzida por Adamovsky e Koublińskaia (2012), que localizou quase uma centena de publicações da coletividade russa na Argentina, onde os imigrantes se autodefinem etnicamente como russos ou escrevem em russo. Algumas destas publicações podem ter circulado no Rio Grande do Sul, que tem fronteira com a Argentina, pois sua capa continha preço de venda em moeda brasileira. No caso dos refugiados russos que chegaram a São Paulo em 1921, havia coluna regular publicada em idioma russo no jornal paulistano Folha da Manhã e, na década de 1920, havia instituições como a Sociedade Russa e a União dos ex-Guerreiros Russos no Brasil; no período entre guerras surge a imprensa russa (RUSEISHVILI, 2016, p. 103, 229, 243).

A importância da manifestação “concreta” é bem colocada por Cohen (2014) ao estudar os monumentos aos mortos na Primeira Guerra, construídos por emigrados russos em vários países. Ao longo de cinco anos, a Revolução de 1917 e a guerra civil conduziram dois milhões de pessoas para fora do território russo e os líderes dos emigrados precisaram novas estruturas públicas para repor o defunto sistema imperial. Para esse autor, os monumentos, com sua presença física, fornecem uma experiência direta que pode conectar pessoas com experiências ausentes, mesmo sendo tais monumentos construídos em áreas restritas, como os cemitérios reservados aos ortodoxos (COHEN, 2014, p. 630-632). Cohen considera esses monumentos uma manifestação de “russianidade” (*russianess*), que reduz a distância dos emigrados com relação ao seu país de origem e cumpre funções comunitárias e individuais numa “cultura russa não soviética” (COHEN, p. 637, 639).

Os imigrantes russos na Colônia Erechim

Após percorrer os indícios da presença russa no Estado do Rio Grande do Sul, vamos nos concentrar no caso de Erechim, pois fontes diversas indicam a presença de “russos”. A Colônia Erechim foi criada em 1908 na região rio-grandense do Alto Uruguai, onde ocorreu “a conquista da terra na última zona florestal do Rio Grande do Sul” (ROCHE, 1969, p. 138). Fruto de uma intenção e de um planejamento, esta foi uma das últimas colônias oficiais criadas no Rio Grande do Sul, tendo como agentes colonizadores o Estado, através da Comissão de Terras e Colonização, e Companhias Privadas de Colonização, entre elas a Jewish Colonization Association (ICA) (GRITTI, 1987). Esta colonização foi invadindo espaços e redutos indígenas, encurralados pelo avanço do Estado em outras regiões, que persistia, de diferentes formas, rumo



recebeu imigrantes entre os quais preponderam “as nacionalidades russa-polaca (55%) e alemã (35%), os demais imigrantes sendo austríacos, italianos, etc.”.

A diversidade étnica não aparece como um problema administrativo para o Diretor da Colônia Erechim nesta segunda década do século XX. Em resposta a uma correspondência do Presidente da Sociedade União Operária do Rio Grande, em que este agradecia à Comissão de Terras o empenho dispensado na colocação, em Erechim, de operários sem trabalho, o diretor Severiano de Souza e Almeida avalia que “tratando-se de uma classe tão numerosa, constituída por nacionalidades, costumes e índoles diferentes, não é de estranhar que haja queixosos e descontentes entre os poucos afeitos ao trabalho” (ALMEIDA, 1915). O poder de mando deste diretor colonial, que se expressa na sua convicção de distinguir os afeitos ou não ao “trabalho”, se manifesta também em sua “benevolência” ao conceder vales por adiantamento a imigrantes que vieram sem família e que, portanto, só fariam jus a terras mediante trabalho após determinado prazo.

Em levantamento para os anos 1911-1914, nas correspondências emitidas à Secretaria de Obras Públicas pelo próprio Severiano de Souza e Almeida, são encontradas poucas menções a reclamações de imigrantes. Porém, uma reclamação sobre maus-tratos infligidos a imigrantes, por parte de funcionários da Comissão de Terras e das autoridades municipais, nos informa a presença de “russos” entre os reclamantes:

Cumprindo-me cogitar com todo o carinho da relativa tranquilidade dos imigrantes em geral como chefe desta Colônia, é que ora venho a vossa presença trazer ao vosso conhecimento que o atual sub-intendente Agostinho Daniel, ainda a pouco nomeado, por faltas as mais [in]significantes por parte dos imigrantes tem lhes feito as mais duras e rudes ameaças, maltratando-os e taxando-os de bandidos, e prometendo amarra-los, sempre que por sua desgraça possam cair eles em qualquer falta, o que inconscientemente uma ou outra vez não é de admirar, visto tratar-se de uma população, aliás já bastante desenvolvida, constituída de várias nacionalidades, de costumes diferentes entre si e que por enquanto nem mesmo de leve conhecem as leis do País. Os imigrantes A. Gause e outros mais de nacionalidade Russa foram pelo dito sub-intendente obrigados a arrancarem tocos nas ruas da Sede desta Colônia.¹⁷



Deste caso, no qual o diretor da Colônia toma partido dos imigrantes contra o funcionário da Intendência, não temos outros dados. Contudo, em pouco mais de um ano, em abril de 1914, é o próprio Severiano de Souza e Almeida que precisa responder a uma autoridade superior, o Inspetor do Serviço de Povoamento, sobre queixas feitas por imigrantes russos. E seu tom nesta correspondência é diferente. Severiano argumenta que, com exceção do imigrante Pedro Babinsky, nenhum dos outros três queixosos reside na Colônia, encontrando-se na capital do Estado. Também afirma que a viuvez declarada por uma imigrante não é verdadeira, pois o marido encontra-se na Alemanha trabalhando numa fábrica. Acrescenta que as mulheres cabeças da família ajustaram-se em casas particulares, e que ambas as famílias receberam lotes e todo o auxílio a que tinham direito, mas abandonaram os mesmos.¹⁸

Em relação ao imigrante Pedro Babinsky, Severiano relata que o mesmo foi chamado ao escritório da Comissão de Terras junto com outros imigrantes russos para justificar a “infundada, exagerada e falsa” queixa levada ao Cônsul. O diretor afirma na correspondência: “Compete scientificar-vos que conforme são unânimes em declarar os vizinhos do queixoso, este não passa de um péssimo elemento”, tendo furtado uma pistola e um cavalo. Informa ainda que o queixoso recebeu toda a assistência da Comissão [de Erechim] e, se passou alguma necessidade, é porque se recusou a participar na construção de estradas onde centenas de pessoas trabalharam. Severiano de Souza e Almeida finaliza a longa correspondência classificando a imigração russa como precária e, alguns de seus membros, como indolentes:

Enfim não merece consideração a reclamação por ele levada a seu Consul, pois quem, como a maioria da imigração russa que demanda ao Brasil, aqui tem chegado nas mais precárias condições, tanto assim que trazem apenas quase sempre bagagem muito diminuta, ao contrário da imigração de outra qualquer nacionalidade, muitas famílias das quais trazem grande número de volumes de bagagem, não é de estranhar que, indolentes como são alguns russos venham eles a sofrer necessidades e faltas, mormente nos primeiros tempos de seu estabelecimento.¹⁹

Com relação aos imigrantes poloneses, este tipo de visão negativa foi muito recorrente na região e, assim, é plausível supor que a hibridação russos-polacos e polacos-russos tenha contribuído para esta manifestação explícita de preconceito com relação aos russos por parte da administração do núcleo



colonial. Porém, o fator determinante para as atribuições categóricas negativas foi a ação dos imigrantes russos, que saíram da condição de dirigidos e protegidos pelo Diretor da Colônia e acionaram uma autoridade independente, o Cônsul, que, por sua vez, levou o caso a autoridades estaduais.

Meses depois, em dezembro de 1914, a faceta protetora do Diretor da Colônia Erechim se manifesta novamente. Severiano de Souza e Almeida escreve ao Inspetor de Povoamento solicitando ajuda para o repatriamento de mulheres russas abandonadas pelos maridos, porque as imigrantes, segundo relata o Diretor, não teriam condições econômicas para garantir a sobrevivência dos filhos.

Enviando-vos o requerimento junto das imigrantes russas Maria Ervis, Alexandra Daniel e Catharina Diowulin, aquela com 5 filhos e esta com 6 filhos cada uma, todos menores, mulheres respectivamente dos imigrantes da mesma nacionalidade Frederico Ervis, Stefan Daniel e Dioumin Diowulin, pedindo abono de meios para regressarem à hospedaria de imigrantes no Rio de Janeiro, onde pretendem aguardar oportunidade de voltar para a sua pátria, cumpre-me levar ao vosso conhecimento, que as mesmas acham-se de fato há meses no alojamento de imigrantes em Paiol Grande nesta Colônia, sem o mínimo recurso, tendo sido abandonadas por seus maridos, que as deixaram assim ao desamparo, pelo que, como não possam as suplicantes ganhar o suficiente para sua manutenção e de seus filhos menores, acho de inteira justiça que lhes seja concedido o que pedem, isto é, algum recurso e transporte por conta da União a partir de Paiol Grande. Para evitar que essas três famílias ficassem à mingua, esta Comissão tem lhes concedido algum auxílio todos os meses.²⁰

Os detalhados relatórios do Diretor da Colônia Erechim não deram conta da presença de “imigrantes libertários russos no Sul do Brasil”, mais especificamente de uma imigração ucraniana que se instalou na Colônia Erechim em 1909, estudados por Rodrigues (1986). Estes imigrantes, que haviam sido instalados em uma Colônia no Estado de São Paulo, ali enfrentaram miséria e abandono - condição bem diferente das propagandas que os animaram a emigrar - e reivindicaram o retorno à Rússia. Quem resolve a situação é o cônsul russo e, num acordo com as autoridades republicanas, os imigrantes são encaminhados para o Rio Grande do Sul e instalados onde hoje é o município de Erebangó. Nos dados aqui coletados, os ucranianos são identificados como



russos (pelo cônsul) e também se autoidentificam assim em suas instituições. O contexto de emigração era o do Império russo, anterior à URSS. Entre povos aparentados, e para os quais vigora o *jus sanguinis*,²¹ a identificação com uma ou outra ascendência é sempre possível, e, sendo uma entidade política, “russo” era um termo unificador.

O objetivo do texto de Rodrigues (1986) é apresentar a existência de russos libertários em Erebango, com destaque para Elias Itchenco, entrevistado pelo autor. Segundo Rodrigues, as dificuldades pelas quais passaram os imigrantes (falta de transportes, de assistência médica, ataques de animais) teriam conduzido a uma riquíssima experiência de apoio mútuo e solidariedade entre as famílias dos trabalhadores. As tarefas eram cumpridas conforme as habilidades, na agricultura, no ensino, no aconselhamento do grupo, na assistência ao doente, no sepultamento dos mortos (RODRIGUES, p. 32-33). A Estação Erebango da Viação Férrea Rio-Grandense possibilitava o recebimento de periódicos anarquistas da Argentina e de diferentes locais do Brasil. O termo “russo” estava na Federação dos Trabalhadores Russos da Argentina, libertária, entidade que influenciou a criação, em torno de 1918, da União dos Trabalhadores Rurais Russos do Brasil, sediada em Erechim (RODRIGUES, p. 34-35).

Contornando dificuldades de fontes e permitindo operar com uma identidade étnica autoatribuída, a história oral se revela uma metodologia indispensável, pois contribui para cunhar a versão escrita da memória coletiva: “As informações sobre os russos nos bairros periféricos de São Paulo são fragmentadas e escassas, de modo que sua própria existência histórica se torna patrimônio, sobretudo de uma memória coletiva oral, muito pouco documentada por escrito” (RUSEISHVILI, 2016, p. 212).

Os entrevistados na pesquisa em Erechim narram casos de russos identificados no Brasil como poloneses, pois saíram da Europa através de uma Polônia já constituída como nação. Dona N. A.,²² nascida em outubro de 1936, descendente de imigrantes russos, conta em entrevista que os seus pais nasceram na Rússia, casaram na Polônia e aqui no Brasil foram registrados como poloneses. Algo semelhante ocorreu com o Sr. C. K.,²³ marido de Dona N., que descende de ucranianos que migraram para a Polônia e posteriormente para o Brasil. Os pais de Dona A. I. D.²⁴ eram ambos russos e viúvos, e se casaram na Rússia, mas quando entraram no Brasil em 1930, vindos da Polônia, foram registrados como poloneses, como pode ser observado no passaporte e no salvo-conduto do Sr. M. I., pai de A. (Figura 2).



Figura 2 - Passaporte de M. I. Expedido na Polônia em 1930 e Salvo-Conduto Expedido no Rio Grande do Sul em 1931



Fonte: Barão de Cotegipe (Município) ([1931]).

Os pais de Dona A.I. D. se fixaram no povoado denominado Floresta, atual município de Barão de Cotegipe (ver Figura 1), onde se instalaram vários imigrantes russos. Dona A. se recorda da bela igreja ortodoxa russa existente, inativada e posteriormente demolida pela reduzida presença de imigrantes e descendentes russos na localidade. Entre as poucas informações sobre esta igreja, sabe-se que foi construída nas primeiras décadas do século XX.

Figura 3 - Igreja Ortodoxa Russa em Floresta – atual Barão de Cotegipe



Fonte: AHMJMIF.([20--]).

Regina Weber / Isabel Rosa Gritti
Imigração "russa" no sul do Brasil:
esboço de interpretação



Além de Erebangó e Barão de Cotegipe, o atual município de Itatiba do Sul, que igualmente pertenceu à Colônia Erechim (ver Figura 1), recebeu imigrantes russos, os quais se estabeleceram no povoado Parobé. Neste local, segundo Dona N. e Sr. C., havia 16 famílias de ascendência russa que teriam recebido gratuitamente terras do Estado. Esta afirmativa da gratuidade das terras precisa ser questionada, porque os exemplares consultados dos relatórios oficiais da Colônia não trazem essa informação; o mais provável é que a terra tenha sido paga com o trabalho de abertura de estradas, procedimento comum com relação a imigrantes que recebiam lotes de terra.²⁵ Na localidade, ainda existe o cemitério conhecido como “cemitério dos russos”; porém, há muito tempo descendentes de outras etnias são ali enterrados.

Considerações Finais

Sobre a imigração russa para o Rio Grande do Sul, a partir de dados reunidos e por analogias com pesquisas em outros lócus de estudos, podemos sistematizar algumas proposições.

Primeira: é difícil delinear os “propriamente russos”, ou seja, os que não eram dos “territórios periféricos” do/da Império/URSS. Descobrir a efetiva identificação étnica subjacente aos registros justapostos de poloneses e russos não é simples, o que praticamente inviabiliza a definição numérica. Como vimos, alguns emigrados do Império, reconhecidamente “ucranianos”, batizavam suas entidades de “russas”, assumindo identidades justapostas de modo não conflitante, reverberando o passado dos povos do Império. O fato de este artigo estar sendo redigido ao mesmo tempo em que a Federação Russa ataca militarmente a Ucrânia é uma indicação da longevidade do movimento histórico entre populações vizinhas.

Em segundo lugar, observam-se poucos modos de institucionalização ou materialização de identidade étnica especificamente “russa”. Comparativamente com São Paulo e Argentina, as entidades, as festividades e as publicações desta coletividade ou ainda precisam ser localizadas (e traduzidas) ou pouco existiram no Rio Grande do Sul. A mais frequente entidade é a Igreja Ortodoxa, que tende a ser multiétnica.

Contudo, terceira dedução, a pouca visibilidade da presença russa aparece historicamente associada a uma posição defensiva, variável conforme a situação. “Permanecia o medo do repatriamento, bem como o receio de serem vistos pela comunidade que os acolheu como traidores da pátria, colaboracionistas de



guerra” (SILVA, 1996, p. 70) é uma narrativa que também pode ser aplicada ao sul do país. Mesmo que os emigrados tivessem saído da Rússia antes da Revolução de 1917 ou se declarassem antissocialistas, eles sempre correriam – somente por serem russos – o risco de serem vistos como “comunistas” ou “soviéticos”. Como lembra Fenton (2003, p. 137), “em muitos casos, as identidades étnicas estão longe de ser opcionais”, ou seja, o conteúdo do que fosse um “russo” era definido externamente, uma exo-atribuição categórica (BARTH, 1998, p.198). Em um certo nível, preconceito e hostilidade podem contribuir para a unificação étnica (SARNA, 1978, p. 374), mas acusações de crime contra a soberania do país certamente inibiram a manifestação da identidade “russa”, existindo ou não simpatias pelo regime soviético.

Uma quarta proposição sugere que a falta de identificação com o novo país, a URSS, não favorecia relações com representações consulares. Enquanto muitos grupos emigrados contaram com algum apoio de seus países de origem, durante quase todo o século XX, os emigrados russos foram considerados inimigos ideológicos do regime soviético. O primeiro apelo à reunificação dos russos, após o fim da guerra civil em 1921, foi a mensagem aos “compatriotas” no estrangeiro, proferida pelo presidente do Soviete Supremo no Natal de 1990 (SOROKINA; SAGDEJEVA, 2014, p. 70).

Porém, a pesquisa não registra apenas lacunas, pois encontramos janelas de visibilidade da presença russa, seja a que corresponde à atual Federação Russa (pós 1991), seja a histórica Rússia multinacional (Império/URSS). Em Campina das Missões, onde efetivamente a identidade “russa” é reivindicada, alguns antepassados vieram da Bielorrússia e da Ucrânia, mas outros efetivamente viveram na Rússia e na Sibéria. As Igrejas Ortodoxas, fundadas aqui e ali, funcionam como sinais da presença de imigrantes da Europa Oriental e acolhem múltiplas nacionalidades. Há um “cemitério de russos” em Itatiba do Sul, outrora Colônia Erechim, e os documentos desta colônia à Diretoria de Terras e Colonização do Estado registram a presença de imigrantes “russos”. É plausível que no Rio Grande do Sul houvesse leitores dos jornais produzidos na Argentina, escritos em russo ou editados por coletividades que se autodefiniam etnicamente como russas. Havia um consulado russo atuando como receptor de demandas de imigrantes instalados em áreas coloniais.

Os imigrantes, como se sabe, descolam-se de suas terras de origem e tendem a se apegar a uma memória congelada da época de sua partida. Estas terras de origem, com o passar do tempo, podem tornar-se uma nação, podem deixar de ser uma nação, ou, mantendo seus limites, podem mudar internamente. A



imigração russa ao Brasil, supondo o conjunto dos imigrantes que ingressaram no país nesta categoria, provoca o desafio da sua interpretação.

Referências

ADAMOVSKY, Ezaquiel ; KOUBLITSKAIA, Maria. Publicaciones de la colectividad rusa en Argentina: un inventario crítico. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires, n. 72, p. 51-96, 2012. Disponível em: <https://ezequieladamovsky.blogspot.com/2014/03/publicaciones-de-la-colectividad-rusa.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

AHMJMIF - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT. [*Região correspondente à Colônia Erechim em 1908*]. Erechim: AHMJMIF, [1908].

AHMJMIF - ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JUAREZ MIGUEL ILLA FONT. [*Igreja Ortodoxa Russa em Floresta – atual Barão de Cotegipe*]. [S. l.: s. n., 20--].

ALMEIDA, Severiano de Souza e. Presidente da União Operária do Rio Grande, 23 mar. 1915.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AHRGS - Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. *Correspondência do Diretor José Montauray de Aguiar Leitão para a Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas*. Porto Alegre: AHRGS, 1892a. Obras Públicas, caixa 28, maço 58. Colônia Alfredo Chaves.

AHRGS - Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul. *Correspondência do Diretor da Comissão de Terras e Colonização à Diretoria de Terras e Colonização*. Porto Alegre: AHRGS, 1892b. Obras públicas, caixa 28, maço 58. Colônia Jaguary.

BARÃO DE COTEGIPE (Município). Passaporte de M. I. Expedido na Polônia em 1930 e Salvo-Conduto Expedido no Rio Grande do Sul em 1931. Barão de Cotegipe: Acervo A. I. D. Barão de Cotegipe, RS.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 187-227.

BYTSENKO, Anastassia. *Imigração da Rússia para o Brasil no início do século XX: visões do paraíso e do inferno*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras).



Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COHEN, Aaron J. 'Our Russian Passport': First World War Monuments, Transnational Commemoration, and the Russian Emigration in Europe 1918-39. *Journal of Contemporary History*, London, v. 49, n. 4, p. 627-651, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43697331>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito*. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GERTZ, René E. Existem teuto-russos no Brasil? In: DREHER, Martin N. (org.). *Migrações: mobilidade social e espacial*. São Leopoldo: OIKOS, 2010.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1987.

GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 367-398, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a04v14n2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GUIGOU, Lelio Nicolás. *Religião e produção do outro: mitologias, memórias e narrativas na construção identitária das correntes imigratórias russas no Uruguai*. 2008. 334 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

IBGE. *Biblioteca virtual do IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

KAWKA, Mariano. Palavra de tradutor. In: GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005. p. 19-20.



PIRAN, Nédio. *Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai*. Erechim: EdiFAPES, 2001.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, v.1, n. 1-4, jan./out. 1940.

RIO GRANDE DO SUL. *Relatório da Secretaria de Obras Públicas ao Presidente do Estado*. Porto Alegre: [s. l.], 1915. Enviado em 31 de agosto de 1915 ao Vice-Presidente do Estado.

RIO GRANDE DO SUL. *Relatório da Secretaria de Obras Públicas ao Presidente do Estado*. Porto Alegre: [s. l.], 1917. Enviado em 14 de setembro de 1917 ao Vice-Presidente do Estado.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. 2 v.

RODRIGUES, Edgar. A comunidade livre de Erebangó (imigrantes libertários russos no Sul do Brasil). In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil: memória – lutas - cultura*. São Paulo: Brasilien, 1986.

RUSEISHVILI, Svetlana. *Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re) formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SAHR, Wolf-Dietrich; SAHR, Cícilian Luiza L. Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. *RA'EGA*, Curitiba, n. 4, p. 61-84, 2000.

SARNA, Jonathan D. From immigrants to ethnics: toward a new theory of "Ethnicization". *Ethnicity*. Academic Press. v. 5, p. 370-378, 1978. Disponível em: <https://www.bjpa.org/search-results/publication/12079>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002.

SILVA, Márcia Andréa Schmidt da. *Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre (1948)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História



do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SIMONETTI, Fernanda. *Imigração russo-alemã em Silveira Martins/RS Século XIX*. 2008. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SOROKINA, Marina; SAGDEJEVA, Alevtina. Émigration, étranger ou diaspora? *Revue d'études comparatives Est-Ouest*, [s. l.], v. 45, n. 2, p. 69-93, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27026977>. Acesso em: 20 jun. 2022.

STAWINSKI, Alberto Vitor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/UCS, 1976.

SZPORLUK, Roman. Ukraine: from an imperial Periphery to a Sovereign State. *Daedalus*, Cambridge, v. 126, n. 3, p. 85-119, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20027443>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIN, Virginia (ed). *Immigration reconsidered: History, Sociology, and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

VOROBIEFF, Alexandre. *Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WEBER, Regina. *O trabalhador fabril em gestação: depoimentos sobre os anos 30 e 40 no interior do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1998.

WEBER, Regina. *Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

ZABOLOTSKY, Jacinto Anatólio. *A imigração russa no Rio Grande do Sul: os longos caminhos da esperança*. Santa Rosa: Coli Gráfica e Editora, 2007.

Notas

¹Doutora em Antropologia pelo Museu Nacional; Professora da UFRGS.

²Doutora em História pela PUCRS; Professora da UFFS.

³Num ambiente de crise econômica e social, com greves operárias, a Rússia perde a guerra russo-japonesa na Ásia, e isso motiva a revolução que limita o poder do czar Nicolau II.

⁴Russos ocupavam a cidade chinesa de Harbin desde o fim do século XIX, em função da construção da Ferrovia Transmanchuriana, o trecho chinês da Ferrovia Transiberiana.



O contingente russo do local aumentou em função da guerra civil. Além de tropas contrarrevolucionárias e suas famílias, chegaram civis da pequena-burguesia urbana e camponeses da Sibéria (RUSEISHVILI, 2016, p. 86-89).

⁵A partir do final do século XVIII, a Polônia foi dividida entre Áustria, Prússia e Rússia. Reino da Polônia era a denominação da parte russa da partilha. A Polônia só irá recuperar sua autonomia em 1918.

⁶Na Rússia soviética (1917-1991), o estudo dos grupos étnicos era tolhido. A partir de 1970, antropólogos soviéticos passaram a estudá-los evitando sugerir que as “identidades étnicas” oferecessem qualquer tipo de ameaça ao estado soviético (FENTON, 2003, p. 86).

⁷AHRGS (1892b).

⁸AHRGS (1892a).

⁹Sobre a Bessarábia como um território multiétnico e multirreligioso e as disputas russas e romenas sobre a região, consulte-se a tese de doutorado de Svetlana Ruseishvili (2016, p. 109-110).

¹⁰Rio Grande do Sul (1915).

¹¹Rio Grande do Sul (1917).

¹²Os atuais municípios de Santa Rosa, Campina das Missões, Guarani das Missões, entre outros, compunham a antiga Colônia Guarani, na qual, segundo Gertz (2010), teuto-russos se teriam instalado no final do século XIX.

¹³Bielorrussos, diferentes dos “brancos” que lutaram contra os “vermelhos” na Revolução Russa.

¹⁴A parte em rosa corresponde ao atual município de Erechim. As áreas em verde foram emancipando-se ao longo do tempo.

¹⁵Colônia Erechim. Relatório do Diretor da Colônia à Diretoria de Terras e Colonização da Secretaria de Obras Públicas. 1910, 1911, 1912. Arquivo particular Antônio Pereira de Souza. Erechim, RS.

¹⁶Rio Grande do Sul (1915, p. 129).

¹⁷Colônia Erechim. Comissão de Terras e Colonização. Registro de correspondência oficial. 13 de julho de 1911 a 24 de março de 1914. Arquivo particular Antônio Pereira de Souza. Erechim, RS.

¹⁸Colônia Erechim. Comissão de Terras e Colonização. Registro de correspondência oficial. 13 de julho de 1911 a 24 de março de 1914. Arquivo particular Antônio Pereira de Souza. Erechim, RS.

¹⁹Colônia Erechim. Comissão de Terras e Colonização. Registro de correspondência oficial. 13 de julho de 1911 a 24 de março de 1914. Arquivo particular Antônio Pereira de Souza. Erechim, RS.

²⁰Colônia Erechim. Comissão de Terras e Colonização. Registro de correspondência oficial. 13 de julho de 1911 a 24 de março de 1914. Arquivo particular Antônio Pereira de



Souza. Erechim, RS.

²¹Sobre o *jus sanguinis* entre imigrantes alemães no Brasil, veja-se o trabalho de Seyferth (2002, p. 131).

²²A. N. Entrevista concedida a Isabel Rosa Gritti. Erechim, agosto de 2020.

²³C. K. Entrevista concedida a Isabel Rosa Gritti. Erechim, agosto de 2020.

²⁴A. I. . Entrevista concedida a Isabel Rosa Gritti. Erechim, janeiro de 2021.

²⁵Veja-se, por exemplo, a obra de Zabolotsky (2007, p. 33).